

HORA DE SUA MAGESTADE.

No DIA 17 do corrente fevereiro de 1845 deu Sua Magestade Fidellissima, a Senhora D. MARIA II, mais um penhor á estabilidade do Throno portuguez com o suspirado nascimento de uma gentil Princeza. As preces de todo o Reino foram pois acolhidas e despachadas.

A cabo de septe horas de pequenas dores, pelas dez e meia da noite, as girandolas, os repiques, e a artilheria proclamavam, a toda a Cidade, o aparecimento de mais um anjo na terra, o resgate da mais preciosa vida d'este reino, a troca de cuidados e perplexidades na alegria mais perfeita.

Todos os espiritos portuguezes estão de gala emtorno ao leito que Deus abençoou, e ao berço que Deus ha-de abençoar, porque a recém-nascida reúne, como seus Irmãos, o mais puro e nobre do sangue germanico e do sangue portuguez: como seus Irmãos tem de ser creada e educada por tal Pae e por tal Mãe: e não é necessario ler horóscopos nas estrellas para prognosticar que tem de ser, como já seus Irmãos começam de amostrar-se, um composto de talentos, de virtudes, e de graças; e mais um futuro brazão historico para a sua terra.

CONHECIMENTOS UTEIS.

SALVA-VIDAS PARA INCENDIOS.



3923 Osapparelhos de *Salva-Vidas* representados na estampa, e inventados pelo Sr. *Manuel Maria Correia Seabra* foram experimentados com pleno exito no 2.º e 3.º andar das casas d'este escriptorio, *rua dos fanqueiros n.º 82*, a 26 de janeiro pelas 2 horas da tarde.

A' experiencia assistiram os Srs. Barão da Vargea, Vereadores e Guarda-mór da camara municipal; o Commandante e alguns Officiaes da guarda municipal de Lisboa, o Inspector dos Incendios, o Marechal Raivoso, muitas outras pessoas de distincção e povo.

Vieram todos os apparelhos n'uma só caixa, ou careta de duas rodas e dois varaes, puxada por um só homem, que tão pouco basta para levar este precioso socorro ao logar de um incendio.

Começou a experiencia pelo primeiro aparelho (é o que se vê na janella do centro da estampa) applicouse este á janella do 2.º andar, para a *rua dos fanqueiros* que está preparada para o guindaste.

Consta de um balde de lona (fig. D. E. F.) de 5 palmos de altura sendo a bocca e o fundo um quadrilongo boleado nos angulos, de 4 palmos de comprimento e 2 e meio de largo; a bocca cercada de um varão de ferro de meia polegada de diametro, embainhado na lona, e o fundo forrado de madeira para melhor se firmarem os pés de quem vae dentro: é abraçado com um cabo que do centro do fundo do balde pela parte exterior se divide em 8 raios (fig. E.), os quaes vem pelo balde acima, juntar-se dois a dois nos angulos da bocca (fig. F.) e ahí formam quatro anilhas de 2 palmos e meio de comprimento (fig. D) onde se enfia a aza do balde: isto é, cada extremo da aza em cada dois anilhas mais proximos, o que serve para suspender o balde. Para se fazer uso deste balde, devem chumbar-se nas umbreiras das janellas dois cachimbos fortes (fig. M. e N., o 1.º mostra o feitio pelo lado, e 2.º pelos topos) na distancia de 4 palmos nos quaes cachimbos se mettem as unhas de uma especie de guindaste, semelhante aos que ha em algumas portas de confeiteiros, merceiros, etc., para pesarem volumes grandes: na unha inferior se deve metter uma cavilha para não poder saltar fóra o guindaste.

O guindaste tem a forma d'um triangulo rectangulo, (fig. G.) formando no angulo agudo superior um olhal para se enfiar o gato do moitão, devendo ser de 3 palmos o lado do angulo recto que fica horisontal, e de cinco o lado opposto ao angulo recto; e deve ser de varão de ferro, pelo menos de seis oitavos de polegada em quadrado.

O moitão deve ser de dois gornes (fig. C.) e se estes forem de ferro ou bronze melhor será; o gato (fig. L.) deve ser de molla para que não aconteça saltar fóra do guindaste.

Na aza do balde ha outro moitão de um só gorne; n'este moitão (que tambem por um gato roscado (fig. B.) se prende á aza do balde) é que se ata uma corda de linho forte, que dando voltas aos gornes dos dois moitões, faz subir e descer o balde com muito pouco custo. A' bocca do balde se deve prender uma espia para o arredar da parede, e saccadas, e não deixar torcer a talha. Vide o dito aparelho na 2.ª janella.

Os cachimbos, que se chumbam nas umbreiras das janellas, devem ser, nas saccadas, pela parte de fóra, e nas de peitos, assim; ou para com mais facilidade se metter o guindaste, pela parte de dentro entre o

caixilho das vidraças, e o das portas. O guindaste que assenta pela parte de fóra, póde, sem desfear o predio, estar sempre assente, porque como é de rotação, vira para a parede; assim está o guindaste em que se fez a experiencia na janella do 2.º andar proximo ao cunhal do predio na *rua dos fanqueiros n.º 82*. Tambem se podem chumbar os cachimbos em *buxas* de pedra (fig. H.) que, nas paredes construidas de novo, para isso se mettam, bem junctas á cantaria das janellas.

O varão, que se mette no debrum da bocca do balde, deve ser galvanizado, para se não enferrujar com a humidade dentro na lona, ou pelo menos mettido em um banho de alcatrão, e depois muito bem embrulhado n'umas tiras de panno encerado.

A lona do balde, e as cordas podem ser incombusibilisadas com as receitas publicadas na *Revista Universal*, ou outras quaesquer.

Com este balde se podem livrar todas as pessoas do predio accommettido pelo incendio, tirando-se para fóra a duas e duas, e sendo creanças ainda mais de cada vez; os doentes, e entrevados alli pódem descer sem o menor risco. Depois de livres as pessoas, e tirado o balde da talha, com o mesmo aparelho e um stropo, se arreiam os trastes.

Este aparelho póde trabalhar independente do guindaste: basta engatal-o n'um olhal de ferro que esteja chumbado nas umbreiras das janellas. Tambem se póde engatar a uma cadêa de ferro (fig. P.) que tendo nas extremidades dois ganchos e ao meio uma argolla, se prenda a dois cachimbos e lemes, que ficam fronteiros e superiores nas duas portas das janellas (vide a janella 1.ª da estampa). Como porém nem todas as janellas terão as ferragens capazes de sustentar a cadêa para os apparelhos, melhor seria chumbarem-se nas umbreiras de pedra dois olhaes de ferro fronteiro um ao outro para assim se engatar a cadêa com toda a segurança. Repetimos n'este logar: em havendo um olhal em cada janella de peitos é quanto basta para se poderem armar os apparelhos e poder-se prescindir da cadêa, e do guindaste. Os olhaes (fig. O.) devem ser de ferro de 5 oitavos entrando bem pela pedra dentro a parte que se chumba.

2.º Apparelho,

Este aparelho é o que se representa na 1.ª janella da estampa; o balde é o mesmo que já se descreveu, porém iça-se de diferente maneira. No guindaste, cadêa, ou olhaes das janellas, se engata um moitão de um só gorne, que está na extremidade de um forte cabo: este cabo atravessa obliquamente da janella ao lado opposto da rua, e se amarra a um olhal ou outra qualquer coisa, aonde convenientemente se possa segurar. O mesmo cabo está enfiado por uma argolla, collocada na aza do balde (fig. I.) e á outra se prende a corda que passada ao moitão que está na janella, faz caminhar o balde para baixo e para cima com a maior serenidade, suspenso do dicto cabo a que os nauticos chamam *estae*.

Como porém este segundo aparelho não tem moitão no balde, e sómente um, de um só gorne, juncto á janella, sendo por isso movido por uma corda a singelo, que o faz pezar mais sobre quem trabalha, é necessario (por cautella) que nas casas ao rez da rua haja umas argolas ou olhaes, a que a corda se passe, para ficar mais firme na occasião dos passageiros saltarem para dentro; e assim, sem custo, o homem que se-

gurar a corda, ir largando a volta á proporção, que quizer fazer descer o *balde*.

Esta prevenção de passar a corda, ou cabo que içam osapparelhos pelos olhaes ao rez das paredes ou por uma çapata de páo preza n'uma corda que aos ditos olhaes se amarre, e na falta d'elles a uma porta, é muito necessaria em qualquer dos apparelhos, mesmo do cinturão, para diminuir a grande velocidade com que descem e não escaldar as mãos de quem trabalha.

Feita a experiencia do dito aparelho se conheceo ser melhor fixar na aza (fig. I.) em logar da 2.^a argola que é a que corre pelo estae um moitão ou roldana, o que faz diminuir o atrito, custar menos a içar quando vae buscar mais passageiros, e poupar o cabo. A mesma experiencia demonstrou ser este aparelho preferivel ao de cadernal, ou moitão de dois gornes, quando ministrado de fóra, porque anda muito mais rapido visto que a corda tem metade do comprimento que é necessario para o outro aparelho, e se arma sem risco de se poder embaraçar a talha. Com tudo houve a satisfação na experiencia do 1.^o em vêr que se dêu da rua para a janella do 2.^o andar donde para isso se lançou uma cordasinha, foi engatado, e desceram as primeiras duas pessoas tudo em dois minutos, como foi contado com os relos á vista pelos Srs. Feijó, inspector dos incendios, e Augusto Xavier da Silva, vereador da camara.

3.^o Apparelho.

E' um melhoramento ás cordas inglezas, de que a *Revista Universal* n.^o 20 do 4.^o vol. deu circumstanciadamente a descripção, e consiste em um cinturão, que gira por uma corda e cabo como os do segundo aparelho, tendo só a differença que, em logar do conductor ser um *balde*, é um cinturão em que vem uma só pessoa: representa-se na 3.^a janella da estampa na acção de subir a ir buscar uma senhora que pede soccorro.

O cinturão (fig. A.) deve ser de atanado muito forte ou vaqueta, e forrado de outro cabedal de igual consistencia, que se afivele á cintura por duas grandes fivelas com as competentes passadeiras. Deve o cinturão pelo menos ter um palmo de largura.

No cinturão se fixa uma cadêa de palmo e meio de comprido tendo n'uma das extremidades uma argola pequena que é a que por meio de uma tranqueta tambem de ferro se prende ao cinturão, e é tambem nesta argola que se prende a corda que passa ao moitão: na outra extremidade está outra argola maior que é a que gira pelo cabo que está obliquo da janella ao lado opposto da rua, e a que se agarra a pessoa. O pedaço de cadêa serve para dár logar a que o cinturão se meta para dentro da janella para cada um se afivelar á vontade.

Tanto a experiencia do cinturão, como a do 2.^o aparelho foram feitas no dito predio em as janellas do 3.^o andar para o largo de Santa Justa, fazendo-se as descidas pelo cabo obliquo ao lado opposto do dicto largo.

O Sr. *Seabra* mostrou praticamente a maneira de um homem subir a armar os apparelhos, quando as pessoas da caza em que lavrar o incendio não tem força para isso. Pediu que lhe lançassem da janella do 3.^o andar uma corda; logo que isto fizeram lhe segurou um moitão com um gato de ferro, indo pelo

moitão já passada uma corda em que havia um bolso (como se vê na fig. Q). Como na dicta janella não havia olhal de ferro mandou engatar o moitão n'um dos cachimbos das portas, e d'esta maneira subiu sendo içado no dicto bolso, á imitação do que se representa na 1.^a janella da estampa, tendo levado consigo a cadeia para na janella armar os apparelhos.

Advertencias.

Todas as casas devem estar munidas das argolas nas janellas (basta serem olhaes).

Seria bom que os serralheiros tivessem uma bitolla dada pela Camara (caso a camara adopte este projecto) para o tamanho dos guindastes, de sorte que quando estes forem proprios dos inquilinos, possam, mudando-se e indo para outra casa, aonde tambem houvesse guindaste, servir este nos cachimbos, que lá estiverem chumbados, e vice-versa.

Que quem tiver estes apparelhos os tenha em caixas para isso feitas, e em que estejam arrumados com a maior cautella para as cordas se não embaraçarem ao tirar para fóra.

Que os da inspecção (quando pela Camara sejam adoptados e mandados construir) estejam divididos pelo menos por todas as cazas de guarda tanto municipal como do exercito, quando tambem o não estejam por todas as cazas dos cabos de policia; e conveniente fóra que os soldados daquella fossem exercitados na manobra dos apparelhos.

Que em cada caza aonde não haja os apparelhos proprios, seja o dono obrigado a ter uma corda de prevenção para içar os apparelhos que de fóra se lhe ministrarem, pagando multa quem não tiver a corda; isto no caso de que haja os apparelhos mandados fazer pela Camara, e os senhorios sejam obrigados a mandar pôr os olhaes.

Que nas casas onde houver o incendio, logo que o aparelho se arme, quando o *balde* subir, vá logo dentro um homem pratico que mais a sangue frio possa encaminhar e ajudar a metter no *balde* as pessoas, que estiverem em perigo.

Todos estes apparelhos, no caso de extrema necessidade, tem a vantagem de uma pessoa se fazer por elles descer sem auxilio exterior, tendo seguridade de espirito; pelo cinturão vindo a pessoa largando a volta da corda á proporção que fôr descendo, e segurando-a com bastante firmeza; e pelos *baldes*, dando uma volta de corda ao varão da aza dos mesmos para diminuir a sua velocidade em razão do seu peso augmentado com o da pessoa que desce.

Dois dias depois da experiencia recebia o Sr. *Seabra* o seguinte officio da Exm.^a Camara Municipal.

Secretaria. N.^o 164. — Illm.^o Sr. A Camara Municipal de Lisboa me encarrega de participar a V. S.^a que muito lhe agradece o zelo, com que, annuindo aos seus desejos, se tem empregado em concorrer para a salvação das vidas dos habitantes nos predios d'esta capital, em que hajam de acontecer incendios; e que tomará na devida consideração a machina por V. S.^a apresentada, quando houver de resolver sobre este objecto. — Deus guard a V. S.^a — Camara em 28 de janeiro de 1845. — Illm.^o Sr. *Manuel Maria Corêa Seabra*. — O escrivão da Camara, *José Maria da Costa e Silva*.

ANNUNCIO.

O mesmo Sr. M. M. C. Seabrã, administrador das empresas da *Revista Universal*, e da *Gazeta dos Tribunaes*, se promptifica a aviar aos Srs. Assignantes dos dictos jornaes todas as encommendas de Salva-Vidas que se lhe fizerem tanto de Lisboa como de qualquer parte do reino. Para o que, se poderão os interessados intender com elle vocalmente ou em carta, franca de porte.

PROCESSO PARA TORNAR INCOMBUSTIVEIS OS TECIDOS MAIS INFLAMAVEIS.

3924 HA um sal que tem a propriedade de tornar incumbstiveis as fazendas, que se mergulham na sua dissolução.

Faz-se uma dissolução concentrada de phosphato d'ammoniac, e emerge-se n'ella o tecido que se quizer incombustibilisar; o auctor de quem tiro esta receita aconselha para este fim a cassa: depois secca-se, e expoem-se á chamma d'uma vella, sem que o fogo lhe pegue. A razão facilmente se explica: o sal decompondo-se, deixa nú o acido phosphorico que cobre o tecido, e obsta assim a acção do ar. Esta propriedade é commum a todos os saes soluveis capazes de experimentarem a fusão ignea ao calor rubro escuro.

Aqui temos mais uma providencia para incendios, que não é para despresar; muito mais para quem quizer possuir um fato com que ao fogo se escude. Se com isto se tivesse previnido, não mórreia como ha poucos mezes morreu, n'um theatro de Londres, abraçada a dançarina Miss Webster: no caso de se organizar alguma companhia de bombeiros, não deve esquecer esta precaução a respeito dos seus vestuarios.

Isidoro José Gonçalves.

SEDE DE LISBOA.

Attendivel Requerimento á Camara Municipal.

PELO SR. IGNACIO DE VILHENA BARBOSA.

3925 SE a agua é um dos primeiros elementos para a vida, o que por certo ninguem ousará negar, a falta, ou escacez, d'esse elemento deve ser considerada como um dos maiores flagellos, que podem opprimir uma povoação. Por mais benigno, que seja o clima de uma cidade; por mais fertil, que seja o sólo em que se assenta; por mais oiro, que o commercio espalhe por toda ella; por mais commodidades, finalmente, que a industria accumule em seu recinto; essa cidade não crescerá se a agua lhe escacear. Poderíamos citar mil exemplos, se fóra mister provar uma verdade tão geralmente reconhecida; com tudo citaremos um só, porque n'elle se vae encerrar o fim principal do nosso discurso. Em quanto Lisboa se conservou dentro de seu primeiro cinto de muralhas, abasteciam-n'a abundantemente as copiosas nascentes, que jorravam do monte do castello. Crescendo no meio da abundancia, transbordou por cima de seus muros, e veio estender-se pelos atrebaldes, que transformou em bairros seus. Acudiu promptamente o governo ás necessidades dos novos bairros, fazendo construir os chafarizes do Terreiro do Paço [1], e do

(1) Este chafariz, que o terremoto destruiu, estava proximo do mar, e do lado oriental. A agua de que se alimentava, corre hoje no chafariz do largo do Corpo Saucto.

Rocio [2]; e a cidade continuou a crescer com rapidez. Porém apenas foi subindo pelos montes fronteiros áquelle, que lhe serviu de berço, principiou a sentir falta d'agua, mormente no verão em que seccavam muitos poços, que suppiam de algum modo a penuria das fontes. Para provêr de remedio a tão urgente necessidade, pretendeu o senado da camara, reinando elrei D. Sebastião, encaminhar para a cidade o manancial das aguas livres, e chegou a encarregar o architecto Nicoláo de Frias dos exames e experiencias indispensaveis; mas seus patrioticos esforços morreram d'encontro aos obstaculos, que tão agigantada empreza offerecia. O primeiro dos Filippes, que reinaram em Portugal, tentou igualmente meter hombros a esta empreza, mas tambem desistiu diante das difficuldades, que apresentava. Entretanto pouco crescia a sede de Lisboa, porque a cidade tambem pouco augmentava. Finalmente, elrei D. João V, mais ousado, mais poderoso, e mais feliz, que os seus antecessores, ousou, pôde e conseguiu levar a cabo essa obra colossal, esse soberbo aqueducto, que immortalizou o seu reinado. Este successo veio assignalar uma nova era nos annaes de Lisboa: desde então é que foi rapido e continuo o engrandecimento d'esta cidade, porque desde então é que possuiu os elementos precisos para poder vir a ser uma grande capital. Sem aquella obra Lisboa não seria por certo o que hoje é.

D'este tosco bosquejo historico, que trouxemos aqui para exemplo, tiramos a necessaria conclusão de que — se abundancia d'agua influe poderosamente no augmento da população, a sua continuada escassez deve produzir o effeito contrario — a diminuição. Portanto, este negocio merece a maior sollicitude de um bom governo. Não são unicamente os preceitos de moral, os dictames da humanidade, que exigem essa maior sollicitude; tambem a politica, e emfim todas as conveniencias sociaes a requerem. A palavra civilisação exprimirá uma idéa vã em quanto o povo não tiver boa educação.

Serão baldados todos os esforços para conseguir esse *desideratum*, em quanto se não lançarem as primeiras sementes d'essa educação. E não será o aceio um dos principaes artigos da educação do um povo? De que servirá dictar-lhe leis, impor-lhe preceitos, ensinar-lhe regras de moral, se o desleixo em si proprio o leva a ser remisso na obediencia a essas leis, desleixado no cumprimento d'esses preceitos, e surdo a essas licções de moral! Temos para nós, que não haverá quem duvide de que o homem desmaselado no aceio de si proprio, não pôde deixar de ser tambem desmaselado no cumprimento de todas as suas obrigações.

Passando a fazer a applicação d'esta theoria, diremos que, sendo uma parte consideravel dos moradores de Lisboa (as classes mais pobres) desleixada, como é forçoso confessar, no aceio de suas pessoas e de suas casas, d'este desleixo devem resultar os males que apontamos. E a escacez d'agua, que esta cidade padece todos os annos durante a estação calmosa serve-lhe de desculpa. Tem-se aggravado o mal de anno para anno, e as providencias empregadas para o combater tem sido inefficazes, porque o seu effeito não sae do estreito circulo do presente.

(2) Tambem destruido pela mesma catastrophe, a sua agua fornece a bica da Moiraria.

Todos conhecem a necessidade de se prover de remédio a tão grande mal, porque mais ou menos todos padecem; mas nem o governo, nem a Camara Municipal tem ousado romper por meio das difficuldades, que cercam esse remédio. ; Não os atemorisa os resultados do mal, amedrentam-n'os unicamente os sacrificios, que é mister fazer para o cortar pela raiz! Pois se é exacta, como nos parece ser, a conclusão, que tiramos dos nossos raciocinios, esses sacrificios serão pequenos, e de nenhum vulto, a par dos beneficios, que devem produzir. ; E porque é difficilimo de alcançar o máximo bem, não se hão-de fazer esforços para se conseguir sequer uma parte d'esse bem! Se a continuação das obras das aguas livres encontra graves obstáculos na penuria dos cofres do estado, e do municipio, porque se não buscam outros meios para acudir á sede de Lisboa! A França, e outros paizes, tem tirado proveitosissimos resultados dos poços artesianos: não ha muito tempo, que a municipalidade de Paris dispendeu grossas quantias na abertura de uma d'estas fontes; grossas quantias, dizemos, porque por mais de uma vez viu quasi perdidas as suas esperanças, e sem fructo os seus trabalhos e despezas; mas teimou, e dispendeu muito, e a final conseguiu abastecer d'agua um dos bairros de cidade, onde ella mais escaceava. ; Porque se não ha-de tentar a abertura de poços artesianos? ; Quem ignora, que o monte, a que faz corôa o castello de S. Jorge, tem suas entranhas repassadas de muito boa agua, que promptamente appareceria em qualquer parte das suas faldas, onde conviesse procural-a? ; E não é uma triste verdade, que os bairros, que circundam pelo lado do occidente esse monte, em que se occulta tão precioso manancial, são os mais necessitados d'agua? ; Não será muito para lastimar, que os moradores d'esses bairros, cujos predios tem os alicerces como mergulhados em um rio, vão buscar a tão grande distancia, o que tão perto tem de si? ; Não será muito para apertar o coração ver os moradores de tão pobres bairros, como o da Moiraria, e parte do do Rocio, dispendem com a agua, que lá lhe levam por alto preço nos mezes do estio, o que precisavam de poupar para matar a fome? Pois então é de rigorosa justiça, que se dê alivio a tanta miseria, procurando-se remédio para tamanha necessidade. Se os meios lembrados não podem desde já ser levados a effeito, busquem-se outros.

Lisboa tem grande falta d'agua, mas essa falta torna-se mais sensivel ainda pela má distribuição d'ella, por quanto em uns bairros se encontram dois e tres chafarizes, e em outros nem um se quer. Não aconselhamos que se destrua algum dos que ha; lembramos porém, que era sobre justo muito util, que se tirasse uma pequena porção d'agua de cada um d'esses chafarizes para a fazer correr onde maior fosse a precisão d'ella. A fundação de um chafariz nas proximidades da Praça da Figueira seria um verdadeiro beneficio para os bairros do Rocio e da Moiraria. E se lhe juntassem um reservatorio, como conviria que se fizesse nos que de futuro se construirem, para receber as aguas, que sobram no inverno, proveitosissimos resultados recompensariam amplamente os sacrificios, que fosse mister fazer. A capital não padeceria no verão tantas sedes, porque estes depositos concorreriam para a abastecer; atalhar-se-hiam mais facilmente os incendios, porque os soccorros seriam

mais promptos, e dava-se ao povo nma lição pratica de economia, porque se lhe mostrava como a pobreza se póde transformar em riqueza.

Oxalá que a actual Camara Municipal dê peso a estas nossas considerações, e ouvidos á voz de Lisboa, que parece exclamar: « Matac-me a sede; e depois enfeitae-me como quizerdes »

A Camara, que assim obrar, adquirirá, sem questão, o mais nobre e duradoiro titulo de gloria, que ella póde ambicionar.

MEMORIAL A BEM DA CULTURA DA SEDA.

3926 ESTAVAMOS esperançados em que n'esta legislatura se chegasse a pôr por obra o beneficio lembrado, demonstrado e requerido pelo Sr. Antonio Pedro Sales; a saber, estabelecerem-se premios aos creadores de casulo, providencia que elle, como tão visto que é n'esta materia, pregoou sempre por efficacissima. Já porém mez e meio da sessão está passado e apenas fica outro mez e meio. Importaria apressar para não ficar para a ultima hora um interesse de tanta monta.

Respeitosamente requeremos ao Exm.^o Sr. Ministro do Reino dê impulso a isto, bem como ao outro projecto, que S. Ex.^o se dignou prometter se levaria tambem ás côrtes e que bem conspirará com este para o maior desenvolvimento d'esta invejavel industria: — qual é o ser o governo auctorizado a dispôr dos terrenos nacionaes que mais convenientes parecerem para plantações de amoreiras e fundação das respectivas officinas.

REMEDIO PARA O MUSCARDIO, TERRIBILÍSSIMA DOENÇA DOS BICHOS DE SEDA.

3927 O PROFESSOR de chimica na Universidade de Montpellier, o Sr. Bérard acaba de enriquecer o publico e particularmente a classe dos cultivadores de seda, com um descobrimento, cujo resultado, se fôr como vem em varios jornaes e, outras publicações francezas, é de uma vantagem incalculavel.

E' bem conhecido que a enfermidade dos bichos de seda denominada *muscardium*, em francez *muscardine*, e vulgarmente em italiano *calcinello*, pela apparencia que tomam os insectos, depois de mortos, ficando semelhantes a um pedaço de cal, é o maior flagello que póde acontecer n'uma casuleira. Não só causa algumas vezes a quasi completa destruição de uma numerosissima quantidade de bichos e casulos, mas, communicando o contagio ás paredes e aos tabuleiros da casuleira, se reproduzem os mesmos effeitos em diversas estações consecutivas.

O Sr. Dr. Bassi de Lodi, um dos mais illustres agronomos do tempo presente, principalmente pelo que pertence á cultura da seda, já tinha feito serviços muito assignalados, communicando aos agricultores as importantes experiencias feitas por elle na cura da *muscardium*, e os remedios por elle inculcados tanto para prevenir, como para curar essa terrivel enfermidade do insecto setifero; o que lhe tinha adquirido os maiores direitos á gratidão das nações, onde se cria com proveito o precioso bicho.

O remedio agora recommendado pelo professor Bérard, tanto para prevenir o *muscardium*, como para desinfecar os trastes e paredes das casuleiras onde estiveram bichos calcinados, é simplesmente o seguinte. Mistura-se uma parte de sulphato de cobre com duas partes de agua, por exemplo, duas libras de sulphato de cobre e quatro de agua, lavam-se com essa mistura as paredes, tabuleiros e mais utensils da criação. Depois queimam-se em pralinhos de folha, pequenas porções d'enxofre: duas ou tres horas depois d'esta fumigação abrem-se todas as janellas a fim de purificar o ar, e desvanecer o fétido do enxofre. Bom será que d'estas prevenções se use alguns dias antes de meter os bichos para a casuleira.

Recommenda tambem o mesmo professor Bérard, lavar a semente dos bichos de seda na sobre indicada mistura, e de fassella depois seccar em logar arejado, mas á sombra, porque o sol é funesto á semente dos bichos.

Apesar de não ter ainda tido occasião de provar o remedio do professor Bérard, não duvido de sorte alguma da sua efficacia e pela muita analogia que tem com o remedio do Dr. Bassi (vid o meu Manual no artigo » Enfermidades dos bichos «) e pelos testemunhos irrefragaveis que recebi de diferentes partes do optimo resultado que já se obteve d'este novo e importante descobrimento.

L. W. Tinelli.

RECEITA EFFICAZ PARA EVITAR A HYDROPHOBIA DEPOIS DE MORDIDO POR ANIMAL TOMADO D'ESTA MOLESTIA.

3928 Tome tres gemmas de ovos bem limpas da clara, e onça e meia de azeite bem puro, lance tudo em uma frigideira de barro, e com colher de páo, bata tudo bem batido e depois ponha a frigideira ao calor de cinzas bem quentes, vá mechendo com a mesma colher, e em tendo tomado a consistencia de mel está feito o remedio.

Modo de uzar delle.

Se ha ferida esgravate-se com um pausinho até fazer sangue: enxugue o sangue e ensope fios no remedio e ligue-os sobre a ferida e o resto beba-o. Este remedio deve repetir-se em tres dias successivos ás 6 horas da manhã, e ás 6 da tarde, comendo o enfermo só ao meio dia, e á meia noite, de dieta ordinaria. Este remedio comprova-se efficacissimo por milhares de experiencias sem ter falhado uma unica, com tanto que se faça antes de apparecerem os signaes proximos da hydrophobia.

Communicado.

REMEDIO PARA SEZÕES TAMBEM EFFICAZ.

3929 Tome uma mão cheia da herva chamada vulgarmente urjebão, que esteja verde, e melhor quando já vae encanando e depois de bem pizada ponha de infusão com meio quartilho de ourina fresca, e de homem são, pelo espaço de uma noite. Pela manhã esprema bem dentro da ourina a mesma herva e depois de espremida cõe tudo, e dê-se a beber por uma só vez ao doente, quando estiver livre da sezão, ou no dia vago, que é o melhor. A experiencia tem mostrado não ser necessario mais remedio algum para expulsar as sezões.

Communicado.

CONSERVAÇÃO DOS OVOS.

[Carta.]

Alhandra 31 de janeiro de 1845.

3930 São talvez os ovos o alimento animal cuja conservação mais disvellos tem custado; muitos meios se tem apresentado para privar-os do contacto immediato do ar, pois é elle quem os sécca, os diminue em parte, e lhes determina a putrefacção dos liquidos. Tem-se ensinado o uso de cobril-os com capas de cera, de vernizes, de carvão pulverisado, com arêa, agua salgada, submergil-os por 20 segundos em agua fervendo com o fim de formar n'elles uma pelicula d'albumina concreta, que se opponha á introducção do ar: finalmente por diversos meios que aqui não aponto, e que todos tenho feito repetir, e de nenhum dos quaes tenho tirado bom resultado.

Ha porém um meio muito efficaz que eu li em um *jornal de pharmacia de Paris*, e experimentei, e que posso declarar ser a melhor receita para se conserva-

rem os ovos frescos. Consiste em collocar os ovos ás camadas em uma vasilha pouco profunda, para que os debaixo se não quebrem, e deitar-lhes uma mistura composta d'um parte de cal e d'oz partes d'agua; porém é necessario ter cuidado em que os ovos estejam sempre cobertos com 4 a 6 polegadas do mixto: assim se conservam tempo illimitado e se podem mandar para toda a parte.

L. J. S. P.

CHEIROS PARA TOUCADOR.

3931 A AGUA de Colonia não é outra coisa mais do que uma mistura de diferentes oleos essenciaes dissolvidos no alcool (espírito de vinho); porém a que se costuma vender por ahi, quasi sempre é falsificada com substancias estranhas como camphora etc. o que lhe dá um cheiro muito desagradavel, e até prejudicial. A seguinte receita é boa e pôde ser feita em casa.

Alcool de 40° (espírito de vinho)	nove onças
D.° de alecrim (espírito)	duas onças
D.° de herva cidreira composto	uma onça
Essencia da vergamola	duas oitavas
D.ª de cravo	} de cada coisa
D.ª de canella	

Depois de se misturarem todas estas substancias, filtra-se por papel, e guarda-se em vidros proprios, e hermeticamente rolhados.

Isidoro José Gonçalves.

GEOGRAPHIA.

3932 SAIRAM á luz *Elementos de Geographia e Chronologia para uzo das escholas* por BERNARDINO JOAQUIM DA SILVA CARNEIRO, cavalleiro da ordem de Christo, doctor na faculdade de direito da Universidade, professor substituto, com as prerogativas de proprietario, da quinta e sexta cadeira do Lyceu Nacional de Coimbra: na imprensa da Universidade. — 1844.

Um folheto de 87 paginas em oitavo.

E' um opusculo, por sua claresa digno de se recommendar aos principiantes para cujo uso seu auctor o ordenou.

VARIÉDADES.

COMMEMORAÇÕES.

D. GONÇALO MENDES, MESTRE DE S. ANTONIO.

22 DE FEVEREIRO DE 1249.

3933 Os que ainda gostam de ler portuguez não nos levarão a mal que lhes repitamos, pelos proprios termos, o que a respeito d'este dia se lê no *Agiologio Lusitano*.

« Em Lisboa, no real convento de S. Vicente de fóra, de conegos regulares, foi o felicissimo transito de D. Gonçalo Mendez, varão de inculpavel vida, que vivendo da puericia no dito convento, debaixo da canonical regra de Santo Agostinho, com grande exemplo de humildade, e angelica pureza, sem o pretender foi eleito prior delle; cargo em que por quarenta annos resplandeceu em todo genero de virtudes, crescendo a mui subidos quilates de perfeição, pelo que conceberam os homens em geral, e em particular os reis, e infantes de Portugal, tanto de seu raro talento, e virtude, que nenhuma empresa de importancia emprendiam sem seu conselho. Os enfermos recorriam a elle para por seu meio alcançarem de Deus saude. Os ma-

reantes para impetrarem feliz successo em suas navegações. Era tão liberal, e caritativo em despende com necessitados, e pobres o trigo do celeiro, que o ceo se dava por obrigado a milagrosamente muitas vezes o acrescentar, e faltando que lhes dar (porque sua caridade, não ficasse frustrada) acudia o Senhor áquella falta por meios sobre humanos. Entre as grandes prerogativas deste sancto varão, não é a menos, haver tido ao glorioso Santo Antonio por subdito, o qual quando se queria afervorar nos rigores da penitencia, e familiar trato com Deus, este perfeito prelado era o exemplar que imitava, pois nem a muita idade, nem varias enfermidades, o obrigaram nunca a remittir seus primitivos rigores de jejuns, disciplinas, e cilícios; andando sempre enlevado nos bens da gloria, banhado em lagrimas. Combatida sua alma de intimas saudades da patria soberana, e cumulada de meritos, cercado de raios, e resplendores gloriosos, foi pelas mãos dos santos anjos levada ao premio eterno. E nesta forma a vio S. Fr. Gil estando dizendo missa no seu convento de Santarem, sendo subitamente arrebatado em extasi. Tornando d'elle, não podendo seu espirito suportar a grandeza da alegria que recebera, soltou (contra seu costume, e severidade) grandes risadas. Acabada a missa, chamado do prelado, lhe mandou em virtude de obediencia, que declarasse a causa de tão intempestivo riso. S. Fr. Gil então com grande singeleza, referio tudo o que vira. Notada a hora, se achou que fóra a mesma, em que D. Gonçalo (varão amado de Deus, e dos homens) passára da vida presente, por cuja intercessão obrou depois o ceo nos moradores de Lisboa singulares favores, e maravilhas. »

SCENAS DA VIDA ACADEMICA.

O ENTRUDO.

3934 O ENTRUDO é a época das folias, a quadra das pulhas, o tempo das loucuras.... Sim Senhores, é tudo isso para vós habitantes da magestosa capital, onde bem vos cabe o dicto do poeta francez

Après diner l'indolente Glicère

Sort pour sortir, sans avoir rien à faire:

mas aqui em Coimbra, no foco das luzes (note-se que nem sequer os candieiros servem para alumiar!) na Lusa-Athenas, onde ha uma escada da Deusa Minerva de cabelleira, onde existe uma Universidade, a unica destes reinos? Nada, pela palavra nada! A vista do exposto, estavamos tentados para appresentar aqui uma reticencia e pôr-lhe antes — Entrudo em Coimbra — e os competentes pontos d'admiração e os *griphos*, que sem serem coisa que pertença á historia natural, são todavia adubo das composições facetas d'este seculo esclarecido; — mas qual historia..... — premettemos descrever o carnaval e a promessa ha-de-se cumprir. — Ahi vae.

Tres dias são os destinados para as folganças d'este sancto varão (fallamos do entrudo já se sabe) durante os quaes tudo perde a cabeça; os velhos tornam-se rapazes, as velhas raparigas, os namorados adoptam um certo ar de tolos sem se contrafazerm — as bellas mandam buscar os *fundos* ás caixas economicas e destinam-n'os todos ás capellistas para os estalinhos, que apenas tiram elegantemente um olho, e os paes de familias dirigem-se *non passibus aquis* ao camaroteiro de S.

Carlos para apanhar o camarote ha muito pedido. — A isto podemos junctar os pós, excellentes para goma, mas pessimos para as casacas, os feijões, saborosissimos com cabeça de porco, porém terriveis em cima das copas dos chapeos — a agua, apreciadissima no verão em que um barril custa a fortuna d'um mendigo, os bonecos prezos com suja corda, as panellas, as pucaras, os tachos, os ovos, que em doce tem todo o lugar, os *rabo-levas* de papel, os gatos de pello de chapeo, os penachos, as luvas untadas de pós de çapato, as cartas de pulha, os dítos desenxabidos, emfim, mil outras coisas que põe uma cidade populosa em movimento, e que a tornam alegre, galhofeira, e interessante. — No emtanto ainda aqui não está o melhor da festa: os bailes de mascaras onde ficam? Oh! esses sim, esses desbancam tudo. — Os velhos sem mudança e sempre os mesmos, os *petit-maitres* de immensos collarinhos, os *dominós* de mil côres, as pastoras, as tricanas, as deusas, as vestaes, os turcos, os chinas, os inglezes, os francezes, os hottentotes; emfim as quatro partes do mundo em scena, todas modestamente tapadas com um palmo de papelão, um panorama vivo e animado, um daguerreotypo de nova especie. — Que multidão buliçosa! Este esganiçando-se, aquelle afadigando-se para descobrir certa *virtude*, que o chamou pelo nome, aquelloutro agitando as pernas e os braços como um possesso — este encolerizando-se com lhe terem descoberto os namoros, que já orçam por tres, que é a conta que Deus fez: alem passeiando um padecente de casaca com uma *noveau* chegada a madame Levaillant com uma caixa de fitas à *Polka*: — ella traja elegantemente e com aquelle *chique* que distingue as francezas; á quem um grupo cercando uma esbelta tricana, que já declarou o nome a mais de 15, e que por fim se descobre estar incluída na sanha do edital; mais longe..... Para que proseguir? Todos que estão em Lisboa, sabem o que se passa, e nós compromettemo-nos a dizer o que vae por outro mundo, isto é, por este cantinho da terra, e não a descrever as bellezas do carnaval lisbonense, que está tão longe do de Roma ou de Veneza — como a Grecia está de Paris.

Grandes desconfianças tem havido para saber se em Coimbra o entrudo é na semana sancta, ou se a semana sancta é no entrudo. A monotonia mais poetica, e silencio mais profundo reina n'esta região pavorosa. As filhas do Mondego (apezar da sua origem *aquatica* pouco se lavam) de vez em quando dão a sua seringadella — atiram com o seu cartuchinho de pós, mas é isso tão raro, que pouco ou nada se aprecia. Um barbaro edital roubou-nos o *innocente* passatempo das bombas, que tinham só o inconveniente de queimar a caza ou de espantar um cavallo, que atropellasse alguém! Os cães, essa raça hoje proscripta como os judeos no reinado de nossos avós — até são poupados, e prohibio-se o sonoro arrastar de panella velha! Lá todavia apparece uma rua solitaria onde se põe em pratica uns leves arremedos do que n'outra parte se chama entrudo; comtudo é apenas um Oasis no deserto, um es-pargo no monte. — O triste estudante se espreguiça e adormece sobre o Digesto, vasto mar de sonno e de leis romanas, para levar ao cabo pertinaz dissertação, que ha-de figurar depois de quarta feira de cinza. — Este joga o entrudo com as Pandectas, *meninos gordos* da universidade, aquelle scisma n'uma ficção de

direito romano, que suppõe que o que morreu está vivo—aquell'outro indigna-se com as decretaes de Gregorio nono: rasga de asoado as folhas ás pobres ordenações do Reino, que chamam em seu auxilio os Perciras e Sousas, os Cabedos, os Paschoaes, os Lobões, os Portugaes, os Silvas etc. e outros *massadores em quem poder não teve a preguiça!* Assim se escôa lento e moroso o dia; assim expiram n'alma as saudades como expira o ultimo raio do sol no occidente! *Mataram-te em Coimbra entrudo; pois mataram um homem!*

Já a noite envolve a terra com densas trevas e tudo jaz mudo. — De repente Coimbra acorda, esfrega os olhos, veste o *chambre* e sae. Bandos ao longe soam tocando em destemperada guitarra e entoando os cançicos dos *harmoniosos fados*. — Como porém se operou este milagre? Ha pouco tudo callado — agora algazarra e estalos de bombas? — Nós nos explicamos: o *troista*, ou em frase vulgar, o desinquieta, o *estroina*, sae de dia socegado e serio, mas á noite é um vivo demonio: — viola, páu, manta, barrete, cinta, chapéo desabado — n'uma palavra, nada escapa á sua *vis troçandi*: o premiado ou o aspirante a isso está em caza e recebe á noite visitas para o *cavaco* ou conversa, em troços miudos; o estudante regular — para avivar recordações de Lisboa, se abi nasceu, embrulha-se n'um lençol e hypotheticamente mascarado percorre as cazas dos amigos, onde todos o conhecem e elle dá-se por satisfeito. Estes travam insulsa dança com as *cachopas*, que em esboracado covil dão sedição baile, aquelles dirigem-se a ceiar — fazendo frequentes libações ao Deus Baccho — outros correm d'aqui para alli berrando a bom berrar: os serios jogam insipido voltarete — os semiserios rançoso bilhar, e os jocosos mascarram as caras, e com um chapéo de forma exquisita enchem-se de lama até aos olhos e vão-se deitar murmurando: — muito me diverti! — E no fim cada um se retira á sua boa ou má cama — aguardando de máo humor a vespera d'aula!

Terra poetica, salve! Toda a tua poesia está nas ruas.... Já d'ellas dizia Amaro Mendes Gaveta

E que direi das ruas? tão mal postas

Que quem debaixo acima se encaminha,

Traz as coxas das pernas descompostas,

E vêm capaz d'um caldo de galinha!

Aqui passa um misero cinco annos, ralado de recordações de tudo quanto deixou em Lisboa tão bello; aqui traçam parallelo do que é o entrudo na sua patria e n'esta terra, e por fim diz com o *Palito Metrico*

Além d'estas pensões, e d'um milheiro,

Que calo por ter paz com a cidade,

Aqui consome a gente o seu dinheiro,

E o tempo mais feliz da mocidade.

Um estudante Lisboaeta.

PROCISSÕES NO MINHO.

Mais apontamentos para a historia dos costumes populares.

(Carta.)

3935 TIVE noticia de outra antigualha: — Faz-se na villa da Feira, em dia de S. Sebastião, uma procissão a que chamam das *fogaças*. Não n'ella nove raparigas das mais bonitas, levando cada uma á cabeça

uma grande fogaça de trigo amassado com vinho e ovos. Vae tambem um tableiro, ou coisa que o parece, com um castello em cima. Disseram-me que este castello era em memoria d'aquelle em que os condes da Feira fizeram a promessa a S. Sebastião de festejalo no seu dia: mas bem pôde ser outra a chave do enigma. O pão das fogaças é muito ambicionado, porque lhe creem a virtude de livrar de mordeduras de cães damnados. D'antes era repartido ao povo depois da procissão recolhida: hoje (talvez por estarmos em tempos mais democraticos) divide-se em pedaços pelas familias principaes da villa, que deviam saber que elle só tem a virtude de tirar a fome a quem a tiver; e os pobres chucham no dedo.

Pôde ser que no que deixo dicto haja alguma inexactão, porque ao longe as coisas tomam ás vezes suas cores duvidosas: mas cuido que não poderá ser grande.

Limitando-me á minha provincia, narrarei o que pessoa da minha amizade me tem dicto de algumas procissões, já que no tempo das procissões entrámos. A procissão dos Martyres de Marrocos, que em todas as egrejas de cruzios se fazia, na freguezia do Salvador de Moreira, pouco distante do Porto, nunca teve quebra. Cinco pequenos vestidos de franciscanos agrilhoados e com um cutello ao pescoço, vão atraz do andor de S. Sebastião, tão grande, que ao passar pela porta da igreja, aliás muito alta, é mistér levarem-n'o de rastos.

Os andores por aquellas aldeias são cheios de espelinhos, fitas, flores, tiras de seda com lançoilas, etc., e fazem a vista de uma piramide, rematada por uma estrella de plumas em que vai o Sancto.

Mas tornando á mencionada procissão, o Miramolim segue os martyres a quem ameaça com uma espada de pau. Que são as grandezas mundanas? . . O potente Miramolim é hoje alli um mendigo a quem envergam um grosso vestido á moirisca. E' tão desprezado o rei de Marrocos n'aquellas partes como o pregoeiro de Cesar, e por isso o mesmo individuo que ha pouco passeou como rei, irá como *fagote* na procissão dos Passos: tira elle comtudo mais vaidade do primeiro papel, e diz quando mendiga — «deem uma esmola ao rei moiro.»

N'estas duas procissões e em mais algumas de outras freguezias ha um barbaro uso. Muitas mães, que teem seus filhinhos doentes, prometem de os levar na procissão nusinhos, e só embrulhados em uma toalha da cinta para baixo.

Contam-me que se não fosse penoso vê-os chorar e tremer, seria bonito vêr aquellas crianças, que vão enfeitadas com flores, fitas, e cordões de oiro, e que mui lindas assim parecem. Creio pois que a vaidade d'aquellas mães é que as torna crueis.

Como de cordões de oiro fallei, não posso deixar de notar uma feição particular das freguezias ricas ao norte do Porto. Tem mania por cordões de oiro, sem os quaes não ha aceio. A pobre para ir á festa pede cordões, ainda que todos sabem que os não teem, a lavradeira deve levar uma meitada d'elles, os sanctos nos andores são carregados com cordões da cabeça aos pés, e os anjos nas procissões chegam a chorar com o peso d'elles, e levam alguém que lhos sustenha quando a procissão pára; e muitos guardas os acompanham depois a suas cazas, onde ás vezes ficam até o outro dia em que vão entregar o que pediram.

O risco em que se metem os parentes dos anjos é-lhes compensado pela vangloria que tiram das riquezas que ajuntaram. De tudo n'este mundo nos vangloriamos!... O rapaz que sete vezes serve de anjo está livre de morrer enforcado: pensam os camponeses.

Das procissões passemos a sermões.

Consta-me que por essas aldeias se ouvem prégar alguns sacerdotes que parece estudaram com *Frei Gerundio*. No pulpito só se deviam dizer as verdades christãs, e ensinar o povo, não entretel-o com frioleiras, e menos com sandices. Bem sei que a maior parte do povo rustico não entende os sermões, e que o mesmo quasi seria pregar-lhes em latim que em portuguez; mas se os prégadores procurassem fazer-se entender prégando singelamente e sem divagações, seria por ventura elle menos ignorante. Mas quando eu ralho dos discipulos de *Frei Gerundio*, não sei o que faço: alem de ser isto meter a foice em seara alheia, não sou eu tambem ás vezes um *Frei Gerundio* feminino? Hei medo d'isso, tão difusas e enredadas se tornam as minhas cartas. Ellas são como a famosa Campazas, aonde não escaceava espaço para formar uma sumptuosa cidade, mas que só poucas e miseraveis cabanas alardeava.

Uma Obscura Portuense.

O FLORIR DA AMENDOEIRA.

3936 PRESENTINDO a primavera
Borbulhaste, amendoeira,
E no tocar-te de flores
Foste, ó gentil, a primeira.

O passarinho que errava
Nos ares desconsolado,
Por não ver nem uma folha
Entre as silvas do valado;

Ao primeiro albor do dia
Todo alegre pipilou.
Quando hoje, formosa nuncia
Dos bellos dias, te achou.

Satisfeito, alvoroçado
Ao Senhor agradeceu
Esperanças de um futuro,
Bem fadado pelo céu.

E a minha alma contristou-se
Vendo-te, arvore, florir:
Invejou-te as esperanças
Antegostos do porvir.

¿ Das minhas o que foi feito?
(Perguntei-me) ¿ aonde estão?
Quem sem dó m'as ha levado;
Que rasgou meu coração?

Foram sonhos, sonhos falsos
De inexperta mocidade!
Sonhos, sonhos!... e após sonhos?!...
Um ermo... a realidade!

Ventura.. que louca phrase?!
Que impia ironia?!...ventura
Quem a vê nunca entre os homens?
Se alguém a viu.. ¿ quanto dura?

Presentindo a primavera
Borbulhaste, amendoeira,
E no tocar-te de flores
Foste, ó ditosa, a primeira.

Lá na ponta mais erguida
De teu cimo, é que nasceu
O primeiro botãosinho
Que apontava para o céu...

Por acaso quaes primicias
De teus fructos inda em flor,
Offertavas n'esse ramo
Os mais bellos ao Senhor?

Ou era aquillo dizer-nos
« O que empresta a luz ao dia,
E' o mesmo que as florinhas,
E o musgo das penhas cria? »

Ou seria esse raminho
Falla de místico amor,
Pelo teu quinhão nas benções
Do universal Bemfeitor?

¿ Quando trina a philomella;
Entre as sombras do pomar;
Quando alta noite a curuja
Nas ruinas vae piar;
Quando muge o fero toiro,
Quando a ovelha dá balidos,
Quando a fonte sôa triste,
Quaes de alma afflicta, os gemidos;

Quando os zephiros suspiram;
Quando o mar bramindo está;
Não diz todo esse concerto
O nome de Jehová?!
¿ E' pois seu nome o que entóas
O' formosa amendoeira,
O' carregada de flores,
O' de flores pregoeira?!

D. José Maria da Piedade e Lencastre.

PORTUGUEZ LATIM.

(Carta.)

3937 CONVENCIDO da exacção dos nossos escriptores, quando julgão a rica e magestosa lingua portugueza derivada da latina, de quem o Sr. Roquete a diz filha mais velha, occorreu-me ha tempos (e não pude resistir a essa tentação) fazer uma pequena composição em verso portuguez, que se podesse ler em ambas as linguas, dando o mesmosenhido. Difficillima era a tarefa, que me impuz; nem eu me vanglorio de havel-a desempenhado dignamente no soneto, que lhe envio, antes sou o primeiro a reconhecer-lhe defeitos. Entretanto se apezar d'elles o julgar digno da luz publica, estimaria vel-o estampado no seu interessante periodico.

Porto 1 de fevereiro de 1845.

SONETO.

Preclarissima es tu, patria formosa,
Conservando valores eminentes,
Submissas contemplando externas gentes,
Venerando-te, Lisia tão formosa.

Tu refulges tão, quão estiva rosa;
Recordando heroes dignos, valentes,
Erige, constitue aras decentes,
Sacros cultus tu presta gloriosa.

Ingentes glorias lusas tu diffunde,
Assidua sparge, narra, fama clara,
Triumphos memorando tão constantes.

Hostes suas terrificas confunde,
Demonstrando, quão es, victoria, rara
Contra lusos belligeros, ovantes.

João Maria Mergulhão Neves Cabral.

NOTÍCIAS.

LUVA ATIRADA A UM INIMIGO DE BRIGAS.

3938 UM transmuntano recém chegado a Lisboa, a tractar de negocios, obstinava-se com tudo em não sair da caça onde se hospedára, em quanto não passasse o carnaval, tão exageradas eram as preocupações que trasia acerca das peças do entrudo costumadas entre nós; — haviam-lhe representado este praso do anno, segundo o padrão antigo, como um tempo de anarchia, de guerra civil, como um delirio geral e furioso.

Chega-lhe porém domingo gordo uma carta em que um sujeito, com quem tem grossas contas, e que mora para o outro cabo da cidade, lhe pede — vá ter com elle por ser indispensavel tractarem n'esse dia assumpto de commum interesse, e achar-se elle, que lhe escreve, acamado com uma grave enfermidade.

Foi o seu primeiro impeto expor antes a perder-se o negocio, fosse qual fosse, do que o corpo. — Reflectiu; consultou; aconselharam-lhe que fosse de sege e bem fechado: — mandou vir sege, encaixou-se dentro, levantou postigos, afivelou cortinas, persignou-se; partiram. Teriam já andado duas milhas; fa-se juncto á fundição, e maravilhava-se de não ter ainda percebido nenhum rumor extraordinario: — renasceu-lhe um pouco de animo; espreitou pelos oculos das cortinas, não viu nada; baixou uma polegada ou duas de um postigo, nada viu que o atemorisse; a pouco e pouco o desceu todo, divisou caras alegres; *ridentibus arriident humani vultus*, re-floriu; quiz tambem gosar, deitou a cabeça de fóra. — No mesmo instante uma grande mão de dono invisivel vem de traz estampar-se-lhe na cara, e um coro de gargalhadas responde a um seu involuntario grito de terror.

Chegado a casa de seu correspondente, o bolieiro o apeou a rir; a rir lhe abriu a porta uma criada; e a rir com um riso inextinguivel o recebeu, apesar das dores que estava curtindo, o dono da casa.

O bom do transmuntano levava o lado direito da cara todo preto. Um gaiato aprendiz de um çapateiro, que trabalhava na escada da propriedade em que elle assistia, e que lhe soubera da balda pelo moço que fóra alugar a sege, havia-se-lhe empoleirado na trazeira, apenas o víra dentro e, com a classica luva de azeite e ferrugem, fóra espiando a primeira aberta para lh'a pregar em cheio na bochecha.

EXCELLENTE COLLEGIO DE EDUCAÇÃO.

(Communicado)

3939 O DOCTOR José da Silva Tavares, egresso da Ordem dos Agostinhos Descalços do Collegio de *Sancta Rita de Coimbra*, onde fóra conhecido pelo nome de Fr. José da Sacra Familia, Doctor na Faculdade de Theologia pela Universidade, e n'ella Professor de Geometria no Real Collegio das Artes, tendo por varios an-

nos dirigido o bem conhecido Instituto de *Fontenay-aux-Roses*, em França, para a educação da mocidade, no qual foram educados um grande numero de meninos pertencentes a familias respeitaveis, tanto Portuguezas, como Brasileiras; a rogos de algumas pessoas do seu conhecimento acaba agora de estabelecer, em ponto muito mais resumido, um Instituto para educação da mocidade no saudavel e aprasivel sitio de *Stratford-Green*, distante poucas milhas de Londres.

Não cumpre ao Doctor Tavares tecer nem o seu proprio elogio, nem o do seu instituto: dirá elle sómente que o seu objecto principal é ser util ao publico em um assumpto de tamanha importancia, qual a educação da mocidade.

Se preciso for o Doctor Tavares está bem certo de que os paes de familias, cujos filhos estiveram debaixo da sua direcção em *Fontenay-aux-Roses*, abonarão o seu character, tanto moral, como civil, no desempenho das suas obrigações. Os Ministros de Sua Magestade Fidelissima e de Sua Magestade Imperial o Imperador do Brazil nesta Côte, lhe confiaram agora a educação dos seus filhos, tendo tres meninos do primeiro desses Senhores, e dous do segundo, e alguns mais de outros Cavalheiros respeitaveis no Instituto de *Stratford-Green*, no qual poderão ainda ser admitidos, em numero limitado, alguns outros meninos Portuguezes ou Brasileiros. Aquellas pessoas que estiverem dispostas a mandar seus filhos para o Instituto, dirigido pelo Doctor Tavares, poderão obter informações mais circumstanciadas do Sr. Antonio Ribeiro das Neves, morador na rua direita de Santa Isabel n.º 92, proximo á Igreja Parochial na Cidade de Lisboa; e na do Porto ao Sr. Ricardo Van-Zeller, Conego Arcediago da Sé da mesma Cidade.

ULTIMO ABRAÇO.

3940 LÊ-SE NOS Pobres no Porto: — «No dia 14 de janeiro tendo saído da *Povoa de Varzim* as lanchas de pescaria, depois de se terem alongado para o mar, este se empolou de maneira que as lanchas não puderam entrar na enseada e foram arribar a diversos pontos, perdendo-se uma com septe pessoas, que com a lancha foram a pique. Um dos barqueiros pôde sustentar-se por algum tempo sobre a agua: era um rapaz de menor idade; o pae, que tambem escapára da mesma barca, vendo o filho sobre as ondas, correu para elle a salvá-lo, mas infelizmente ambos abraçados foram ao fundo.»

NAUFRAGIO.

3941 Lê-se no *Cosmopolita de 29 do passado*: —

Hontem entrou o hiate portuguez *Senhora da Penha de França*, mestre Antonio da Cruz Martins, d'Aveiro por Viana com sal; mas ao passar a Cruz de Ferro, guinou para o Norte com tal violencia que não deu tempo para lançar ancora, e batendo então nas pedras da Cruz, submergiu-se; a tripulação salvou-se, excepto um homem que foi victimado pelas vagas.

SUICIDIO.

3943 No dia seguinte ao das cinzas, pelas onze e meia da manhã, mestre Placido, tanoeiro, morador na rua de S. Bento, com mulher e duas filhas, re-

commenda-lhes, que apromptem cedo o jantar e sae. — Passeia por algum tempo no terreiro das côrtes; chega ao parapeito da muralha juncto ao arco, altura de quatro andares, e despenha-se, não mais longe, d'onde o esperavam para jantar suas filhas e sua mulher, do que uns cento e cinquenta passos.

Ninguém atina com o motivo d'aquelle funesto desvario, como também não ha-de ser muito facil de descobrir a razão, porque havendo tantos suicidios nenhum remedio ainda se experimentou para prevenir esta miseravel tendência e tornar mais raros os seus effeitos: mas sobre tal materia nada podemos já accrescentar ao que tantas vezes temos ponderado e sugerido n'esta folha.

SENTIDO COM ARMAS DO FOGO.

(Carta.)

Residencia parochial de S. Mamede da Castanheira do Vouga 7 de fevereiro de 1845.

3942 Com o mais profundo sentimento participo a V. um desastre que no valle d'Oliveira, quasi junto ao passal, succedeu em domingo gordo, pelas 4 horas da tarde, estando as pastoras, do Valle da Gallega, com algumas outras suas amigas, das Maçadas comendo o seu gordo, (V. sabe perfeitamente este costume, onde não respira mais do que alegria e satisfação n'aquella pastoril e innocente merenda, innocente, digo, por ser, poucos minutos antes, presenciada por mim e pelo regedor, que por alli passamos): finalizada, que foi mandam ao filho mais novo da viuva Ladeira das Maçadas que dê um tiro: pega na espingarda, despara-se-lhe e acerta em Carlota, filha do seu compadre Manoel José dos Santos e de Quiteria Maria de Jezus da Castanheira, na parte direita do ventre e no braço; cabe desfallecida, converte-se n'um momento, o risonho circulo, em os mais afflictos, e sentidos ais, lamentos e suspiros, que ecoavam nos ares!!! accudo com o soccorro espirital, ajudo-a a conduzir, em braços a esta residencia, e na segunda feira de manhã, é levada ao lar paterno: em 32 horas a affilhada do saudoso prior irmão de V., já era um cadaver!!! joven mui bella e formosa, que apenas tinha tocado os 18 annos d'idade!!!

O entrudo, dias da maior folgança dos povos, se tornou em rigoroso lucto!!! Foi chorada por todos os que a conheciam, e pela irmandade que a conduzio á sepultura. O Prior

Antonio José Rodrigues Campos.

P. S. A Emilia, affilhada de V., ainda se lhe principiou a queimar o fato.

UM MAGISTRADO PARA EXEMPLO.

[Carta.]

Faro 7 de Fevereiro de 1845.

3943 Esta cidade não tem sido das mais felizes em auctoridades, porém a Divina Providencia attendendo ás preces dos bons, foi servida conceder-nos um juiz de direito o Dr. Cazemiro José de Gouveia, que sem duvida sanará os males passados: ministro de eminentes qualidades e virtudes; — não conhece parcialidades, — dezeja fazer justiça com rectidão — tracta a todos com o melhor agrado, e tem desenvolvido um espirito de bem publico, que se não póde egualar.

— Esta cidade era inundada pelas aguas do campo que a incomodavam em extremo; — convidou todos os cidadãos, que de boa vontade se lhe prestaram; e já conseguiu encaminhar as aguas para o mar, e defender a cidade por meio de uma boa vala.

Está fazendo uma excellente lameda, que poderá conter 800 arvores, de um risco agradavel — as orlas das ruas para arvores de sombra, e os centros para amoreiras, afim de ver se introduz a cultura da seda.

Tem mais em projecto as calçadas, e saidas da cidade, que são muito incommodas, e muitas outras coisas interessantes, e uteis.

Deus o não deixe mudar de sistema, — não lhe deem quebranto. O Exm.^o Bispo que é tentado com plantações, e já poz uma lameda no largo do seu palacio, foi o primeiro que concorreu com o seu donativo, e logo seguiram todas as pessoas distinctas da cidade, e mesmo muitas pessoas de menos teres se tem prestado com o que lhes é possivel, e de muito boa vontade, e gosto.

Tal é o medrar de um povo quando ha quem o governe bem!

AUSPICIOSAS ESPERANÇAS DE UM BOM JORNAL LITTERARIO.

(Carta.)

Coimbra 15 de fevereiro de 1845.

3944 APRESSO-ME em communicar a V. uma noticia que julgo lhe não será indifferente attendendo ao quanto V. se interessa por tudo que tende á cultura das lettras e sciencias.

Acaba de formar-se aqui uma sociedade de estudantes, todos mancebos de muitas esperanças e alguns de já provados talentos e reconhecidos meritos, tendo por fim a publicação de um periodico litterario e scientifico. O instituto dramatico, que tem parte n'esta publicação, offereceu-se para coadjuvar tão louvavel empenho, subministrando todos os meios ao seu alcance; para o que decidiu que se enviassem cartas de convite a todos os seus socios correspondentes (V. já agora terá recebido a sua) afim de que se dignem auxiliar esta sociedade, que honram com os seus nomes, enviando-lhe artigos que por parte d'ella sejam publicados no projectado jornal que se ha-de intitular— Revista Academica. — Alguns dignos lentes protegem esta empreza e já prometteram artigos sobre diversos objectos. Entre os estudantes que tem por costume amenisar as fadigas academicas com proveitosos entretenimentos litterarios desenvolveu-se grande entusiasmo pela nova publicação que já conta entre os seus collaboradores quasi tudo quanto ha de melhor em Coimbra.

Como eu sei que V. se não desvela menos em animar os mancebos esperancosos e que encetam a difficil carreira das lettras, do que em dirigir aquelles que já n'ella tem dado agigantados passos, atrevo-me a esperar que esta nova tentativa litteraria obterá a coajvação de V. e que o seu nome passe de figurar na lista dos collaboradores da Revista Academica a assignar-lhe algumas paginas; e que a Revista Universal faça que os olhos do publico se fitem benevolos n'esta publicação.

A. M. Couto Monteiro.

DOAÇÃO DE UM BELLO THEATRO Á CIDA- DE DE FARO.

3945 No ARTIGO 2234, sob a epigrapha *tributo portuguez de gratidão a um estrangeiro* havíamos escripto entre outras estas palavras:

«O Sr. Dr. Lazaro Doglione, é um italiano, que veio estabelecer-se medico na cidade de Faro, onde pelas suas curas e pela sua extremada beneficencia, adquiriu (nos affirma o nosso correspondente d'aquella cidade) a publica sympathia.»

«Tendo cazado na terra com uma dama ingleza, como elle bemfazeja, e riquissima, deu muito maiores largas á sua paixão de emendar os erros e concertos da fortuna. Todos os generos de necessitados são seus filhos. Mais christãos que philosophos, mais charitativos que philantropos, não é para os applausos que elles semêam, mas para a consciencia; não é para a terra e para o tempo, mas para o céu e para a eternidade. As suas liberalidades correm escondidamente, e vão fertilisar onde convém, deixando quasi sempre ignorada a sua origem: é proceder a exemplo da Providencia. Peza-nos a certeza, que temos, de os affligir com este pregão; mas se deixassemos de o soltar; julgariamos haver defraudado os homens de um bom exemplo, coberto com a medida a alampada, e enterrado o talento de oiro, que deve correr e negociar-se.»

«O Sr. Doglione e sua esposa, espiritos cultivados e superiores, não comprehendem sómente as necessidades do pão e do vestido, mas tambem as da illustração e da sociabilidade. Vendo que na terra faltava um theatro, e que os curiosos andavam por armazens incommodos e mal arrançados, representando com grande custo, e só de longe em longe, compraram á fazenda nacional um vasto edificio, e n'elle estão fazendo, a espensas suas, uma nobre sala de spectaculos, que, terminada á força de contos de réis, será gratuitamente offerecida ao municipio.»

Eis-aqui agora o que de Faro nos escrevem em data de 5 do corrente:—

O Sr. Dr. *Lazaro Doglione*, e sua Exm.^a esposa a Sr.^a *D. Maria Crespim* tem concluido o seu theatro — *LETHES* — para ser aberto no dia 4 de abril, em que se fará a primeira recita toda portugueza, e dedicada aos annos da nossa adorada Soberana.

Todas as despezas d'este dia são feitas pelos benemeritos consortes:—são convidadas todas as pessoas de distincção da cidade, e as senhoras já se estão preparando para a solemne festa.

Os actores são todos pessoas decentes, tanto para a peça, como para a farça. A musica será executada pela Sociedade Philarmonica, que é composta de rapazes distinctos, por suas boas qualidades, e educação.

O edificio é magnifico, foi antigo collegio dos jesuitas;—a frente tem a figura de um pentagono com um distico — *Monet Oblectando*:—todas as accomodações interiores estão dispostas, com o melhor accêio, e bom gosto que rivaliza proporcionalmente com S. Carlos, e alguns arranjos até parecem melhores. . . .

A caza poderá admittir 500 pessoas com commodidade;—tem duas ordens de camarotes, e uma varanda em roda muito espaçosa.

As pinturas da casa e scenario são do melhor gosto, feitas pelo Dr. *Cuman* sobrinho do Dr. *Doglione*, ho-

mem moço do mais exemplar comportamento; e pelo reverendo conego *Rasquinho*, honrado ancião.

Pôz-se-lhe o nome de *LETHES* porque o benemerito fundador, considera, que aquella caza servirá de principio, pela reunião das familias, para o esquecimento d'essas loucuras de politicas, que tanto nos teem apouquetado.

Esperamos que seja um dia de todo o prazer, principalmente para os amigos da ordem, e prosperidade nacional.

De V. etc.

SEGUNDO ACTO DE BENEFICENCIA POSTHUMA.

3946 O Sr. José Bento de Araujo, que já dissemos ter deixado dez mil cruzados ao asylo da mendicidade, legou, sabemol-o agora, egual quantia a Casa Pia de Belem, a cuja *commissão* pertenceu: beneficio que o seu herdeiro caridosamente accrescentou da sua fazenda, como ao primeiro já contámos que havia feito.

O ARCO DE SANCT'ANNA.

3947 SAIU á luz o primeiro volume de uma novella historica portugueza e anonyma por em quanto; intitulada — O ARCO DE SANCT'ANNA, *chronica portuense, manuscripto achado no convento dos Grillos do Porto por um soldado do corpo academico*. Lisboa: 1845.

Vende-se este primeiro volume nas lojas do costume por 480 réis.

LISZT.

3948 AJUNTAREMOS ao retrato do Sr. Liszt uma das suas caracteristicas e mais formosas feições. Não é possivel levar mais longe do que elle a virtude da beneficencia. Em toda a parte por onde passa, maravilhando com o seu éstro aos felizes do seculo, deixa sementeas gratidão e saudades no coração dos infelizes. Ao som dos seus concertos a fome, a nudez, o frio e a consternação tem desaparecido de muitas casas.

Convidado para a subscrição em favor dos hamburguezes, logo apoz o incendio da sua cidade, Liszt mandou entregar aos collectores, sem hesitação nem alardo, tudo quanto o seu thesoureiro tinha em cofre, producto dos concertos que havia acabado de fazer.

Entre nós se *Liszt* fez cinco beneficios para si, não deixou de faser espontaneamente dois, para necessitados; um para as escholas da primeira infancia desvalida; o outro para o asylo da velhice; e n'este um rasgo houve da sua parte que sendo bellissimo de si mesmo, ainda mais bello ficou parecendo por certa contraposição que não se pejaram de lhe fazer. A empresa do theatro de S. Carlos, que ia a meias nos productos da recita embolsou toda a sua parte; a orchestra fez-se pagar; e *Liszt* vendo que o restante não chegava a 200 mil réis, completou-os da sua algibeira dispendendo ainda para isso mais de trinta mil réis.

Appressámo-nos com a maior satisfação de colher da voz publica esta brilhante e perfumada flor moral para a entresacharmos a par das outras que já adornam o seu immarcessivel laurel artistico.

Para outro numero continuaremos a ajuntar mais algumas particularidades para a biographia d'este homem verdadeiramente extraordinario.